

Rui de Pina, um Cronista Global: Projeto de Doutoramento

Jorge António Araújo¹
Universidade do Porto

Resumo

Rui de Pina, ao longo das suas crónicas, afirma frequentemente recorrer à consulta de fontes historiográficas não-portuguesas enquanto suporte para o seu trabalho. Serve este facto de mote para o nosso estudo, em que nos propomos identificar essas mesmas fontes referidas pelo cronista e perceber de que forma foram utilizadas. Centramo-nos especificamente nas crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV, consensualmente consideradas como um conjunto coeso e autónomo face à restante obra de Rui de Pina. A partir do estudo das fontes utilizadas pelo cronista, e das suas proveniências, procuramos chegar às redes de mobilidade, de contactos e de inter-relações culturais da época, que favorecem a circulação de informação e de ideias e a presença destes textos estrangeiros em Portugal. Esperamos ainda contribuir para uma melhor perceção dos métodos de trabalho deste cronista e para um maior conhecimento quanto à cultura historiográfica da corte tardo-medieval portuguesa.

Palavras-chave

Cronística Medieval Portuguesa; Estudo de Fontes; Redes de Circulação de Informação e de Ideias; Mobilidades e Inter-relações Culturais.

Abstract

In his chronicles, Rui de Pina repeatedly says that he uses non-Portuguese historiographic sources as a support for his work. This is the motto for our study, in which we propose ourselves to identify those same sources mentioned by the chronicler and understand how they were used. We focus specifically on the chronicles of the kings between D. Sancho I and D. Afonso IV, consensually considered as a cohesive and autonomous group, apart from the other chronicles of Rui de Pina. From the study of the sources used by the chronicler, we seek to reach the networks of mobility, contacts, and cultural interrelationships of that time, which favours the circulation of information and ideas, and the presence of these foreign texts in the Portuguese court. We hope to contribute for a better perception of the methods of this chronicler and for a better understanding of the historiographical culture of the late-medieval Portuguese court.

Keywords

Portuguese Medieval Chronicles; Chronicler's Historical Sources; Networks of Information and Circulation of Ideas; Cultural Mobility and Cultural Interrelationships.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito do curso de doutoramento em História, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desenvolvemos o presente projeto de tese, expondo o planeamento geral e o ponto de situação relativos ao trabalho de investigação que nos encontramos a realizar. A este projeto demos o título, ainda que provisório, *Rui de Pina: um Cronista Global*, nascido da constatação da recorrência com que o cronista afirma utilizar fontes historiográficas

¹ Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/143996/2019), doutorando em História na Universidade do Porto e investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

não-portuguesas na sua obra, sobretudo nas crónicas dos reinados entre D. Sancho I e D. Afonso IV. Identificar essas mesmas fontes referidas por Rui de Pina, perceber de que forma foram utilizadas e contribuir para um maior conhecimento quanto à presença desses textos em Portugal são alguns dos objetivos a que nos propomos, e que adiante detalhamos.

A escolha do título está também relacionada com a necessidade que tivemos de encontrar uma designação sintética e apelativa para o projeto, aquando da candidatura do mesmo a uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). De facto, grande parte do que aqui expomos e prevemos corresponde ao que já tínhamos apresentado nessa candidatura, e relativamente à qual nos vimos ser concedida uma bolsa. Introduzimos, porém, algumas alterações, adequando o projeto a uma estrutura diferente, que não a do formulário da FCT, e atualizando alguns pontos, que refletem o trabalho entretanto desenvolvido. O título *Rui de Pina: um Cronista Global* não deixa igualmente de ser uma pequena *provocação*, a respeito dos vários autores que apontaram o facto de Pina ter, supostamente, dedicado pouca atenção ao tema da expansão portuguesa, quando aqui nos preparamos para estudar precisamente os vestígios da sua mundividência exterior ao reino, através dos textos que leu e conheceu. Para além disso, lembremo-nos que foi este o cronista-mor do reino num período charneira da expansão (de 1497 a cerca de 1522) e que, apesar de tardiamente impressas, as suas crónicas, sabe-se hoje, terão sido das mais discutidas² e difundidas da crónica portuguesa, segundo testemunha «a grande quantidade de cópias, resumos, traduções ou adaptações delas existentes»³, sendo possível encontrar exemplares manuscritos em locais como Londres, Paris, Viena, Salamanca, Rio de Janeiro e São Paulo, entre outros⁴.

Estrutturamos esta exposição em pontos sintéticos, relativos à apresentação do tema e do objeto de estudo, à discussão introdutória do *estado da questão*, à análise das fontes e à descrição das metodologias e das principais problemáticas de investigação. Para além das indicações e sugestões dos nossos orientadores (Professor Luís Carlos Amaral e Doutor Filipe Alves Moreira), pudemos contar ainda, fruto da nossa participação no *XII Workshop de Estudos Medievais*, com os comentários do nosso colega Pedro Monteiro e da Professora Cristina Sobral, que muito ajudaram a aprimorar e a amadurecer determinados aspetos deste projeto. Posteriormente, fomos selecionados para participar, entre os dias 24 e 26 de junho de 2020, no *VI Seminário Internacional PhiloBiblon*, em que ficámos a conhecer melhor as potencialidades da base de dados *PhiloBiblon* para a nossa investigação, e tomámos contacto com o seu modo de funcionamento e com algumas das atuais tendências na área do estudo do livro medieval e “renascentista”, tanto manuscrito como impresso.

2. OBJETO DE ESTUDO, OBJETIVOS E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

A personagem central do nosso estudo é Rui de Pina, homem natural da Guarda, vivente entre cerca de 1440 e 1522, que foi escrivão e diplomata de D. João II e cronista-mor do reino e guarda-mor da Torre do Tombo e da Livraria Real de 1497 até à sua morte. Das diferentes facetas que se lhe conhecem, centramo-nos na sua obra crónica, e particularmente nas seis crónicas relativas aos reis D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV, nas quais terá trabalhado a partir de 1514. Deixamos para já de lado, salvo quando tal se justifique, as crónicas de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.

Esta delimitação deve-se a questões de exequibilidade, já que este tem sido consensualmente considerado um conjunto coeso e autónomo face às restantes três crónicas do mesmo autor, mas também porque nele são mais notórias as referências a fontes não-portuguesas e é já mais avançado o estado de investigação, o que nos garante uma maior base

² Torna-se irresistível não citar aqui M. Lopes de Almeida: «Rui de Pina continua a ser o mais discutido dos cronistas antigos portugueses, e nisto ao menos detém a primazia» - M. Lopes de Almeida, “Introdução”, in *Crónicas de Rui de Pina* (Porto: Lello & Irmão, 1977), V.

³ Filipe Alves Moreira, “A Tradição manuscrita das ‘Crónicas’ de D. Sancho I a D. Afonso IV da autoria de Rui de Pina”, *Romance Philology*, 68 (2014): 93.

⁴ *Ibid.*, 117-120.

bibliográfica e um ponto de partida mais seguro. Para além disso, a seleção deste conjunto cronístico remete-nos para a continuidade de uma outra *tradição* de estudo, na esteira das relações entre estes textos e a *Crónica de Portugal de 1419*, a *Crónica Geral de Espanha de 1344* e as próprias origens da cronística portuguesa.

A partir do referido conjunto de crónicas que delimitámos, propomo-nos estudar primeiramente a utilização que Rui de Pina faz de fontes historiográficas e hagiográficas não-portuguesas. Por fontes *historiográficas* queremos dizer crónicas, anais, memórias e livros de linhagens. A identificação destas fontes pressupõe que nos cruzemos igualmente com as fontes narrativas portuguesas utilizadas pelo cronista, e que importa considerar enquanto elementos sempre presentes, merecedores, por isso, da devida atenção. O cronista recorre ainda a uma grande quantidade de fontes documentais – a que facilmente teria acesso enquanto guarda-mor da Torre do Tombo –, aspeto que aqui registamos sem, porém, garantirmos, por ora, a exequibilidade do seu estudo neste projeto, sob pena de podermos estar a ser demasiado ambiciosos.

O intuito final é chegarmos às redes de inter-relações culturais e de circulação de informação e de ideias, bem como a um melhor conhecimento da cultura historiográfica da corte tardo-medieval portuguesa. Julgamos poder contribuir para uma visão da historiografia portuguesa num plano internacional e promover a interdisciplinaridade, entre a história e a literatura.

Para o cumprimento destas metas gerais, definimos como objetivos mais próximos da nossa investigação:

1. Rever o que até aqui foi escrito sobre Rui de Pina, e sobre as suas crónicas e fontes, analisando criticamente o material bibliográfico e o objeto de estudo;
2. Identificar, até onde nos seja possível, as fontes utilizadas por Rui de Pina nas crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV, particularmente no campo das fontes não-portuguesas, e analisar comparativamente os mecanismos de construção textual: o que foi mantido, omitido, modificado ou acrescentado, e com que sentido;
3. Proceder à hierarquização destas fontes, consoante o carácter mais estrutural ou secundário que assumem para o cronista;
4. Analisar as proveniências e as origens das fontes não-portuguesas utilizadas por Rui de Pina, teorizando sobre o modo como as mesmas seriam conhecidas na corte portuguesa tardo-medieval e sobre as redes de vasos comunicantes culturais, de informação e de ideias, que favorecem a circulação e presença destes textos em Portugal.

Gostaríamos também de trazer novos contributos para o conhecimento dos métodos de trabalho dos cronistas tardo-medievais portugueses, a partir do caso de Pina, do seu processo de escrita e da sua capacidade e formação para lidar com fontes de outras proveniências geográficas.

Com base no exposto, podemos ainda sintetizar as pretensões da nossa investigação em quatro questões-chave:

1. Porquê a escolha de Rui de Pina para a redação destas crónicas? O que o diferencia face aos restantes cronistas da época e como foi avaliada a sua obra ao longo do tempo?
2. Como se compõe a “mesa de trabalho” do cronista e quais as suas competências (ex.: domínio de outras línguas) e estratégias de composição?
3. Que fontes historiográficas não-portuguesas eram conhecidas na corte, qual a sua proveniência e como circularam?
4. Constitui Rui de Pina um caso singular ou outros cronistas portugueses, mais ou menos próximos, fizeram uso das mesmas fontes?

Este conjunto de objetivos e de questões enformam já as metodologias a adotar e a estrutura provisória que delineámos.

3. MOTIVAÇÕES

Para além das motivações subjetivas que pesaram sobre a escolha deste objeto de estudo, como o nosso gosto pessoal, as experiências anteriores que tivemos de trabalho com crónicas medievais e o nosso interesse na interdisciplinaridade do tema, há de facto razões objetivas que favoreceram esta opção. Desde logo, por podermos contribuir para um tema ainda pouco estudado, já que, de entre os cronistas portugueses, Rui de Pina é um dos que mais tem permanecido à margem de investigações de fundo, não obstante ser tantas vezes ser citado. Do mesmo modo, não deixa de constituir uma motivação *extra* a possibilidade de as conclusões do nosso estudo poderem vir a contribuir para outros projetos em curso, como a construção de um *website* sobre as crónicas de Rui de Pina, já em fase de desenvolvimento por Filipe Alves Moreira, a edição crítica – ainda inexistente – das obras deste cronista ou a base de dados *PhiloBiblon*⁵. A este propósito, tivemos a oportunidade de participar no *VI Seminário Internacional PhiloBiblon*, ficando a conhecer as potencialidades desta ferramenta para o nosso trabalho, mas também o modo como, a partir da nossa investigação e dos seus resultados, podemos contribuir para a dita base de dados.

4. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Estudos sobre as fontes utilizadas por cronistas portugueses já existem, desde há algumas décadas, sendo-nos possível apontar trabalhos de referência para casos como os da *Crónica Geral de Espanha de 1344*⁶, a *Crónica de Portugal de 1419*⁷, as crónicas de Fernão Lopes⁸ ou de Gomes Eanes de Zurara⁹, entre outros, e cingindo-nos apenas a textos anteriores aos que nos propomos abordar. O trabalho de Rui de Pina, porém, não mereceu a mesma sorte e não foi ainda objeto de estudos continuados e sistematizados. As suas crónicas são por norma referidas – e largamente citadas, diga-se – em estudos que têm outros temas como objeto central, ou esparsamente abordadas em alguns artigos científicos, mas sem que isso se traduza numa obra de síntese ou específica sobre as mesmas. Tanto assim é que, se em 1977 Manuel Lopes de Almeida (na introdução à reedição das *Crónicas de Rui de Pina*, que dirige) apelava ao desenvolvimento de estudos centrados nestes textos¹⁰, em 2014, Filipe Alves Moreira (em *A Tradição Manuscrita das Crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV da Autoria de Rui de Pina*) continuava a apontar para a urgência de trabalhos que permitam identificar as fontes do cronista¹¹, de cuja obra permanece pouco estudada a tradição manuscrita (investigação levada a cabo pelo mesmo Filipe Alves Moreira) e não há ainda uma edição crítica.

Radica esta ausência nos vários preconceitos de que foram alvo Rui de Pina e as suas crónicas por parte de autores diversos ao longo dos séculos, de João de Barros e Damião de Góis, ainda no século XVI, a Alexandre Herculano, já no século XIX. Entre esses preconceitos conta-se, por exemplo, a ideia, que fez escola, de uma apropriação das crónicas de Fernão Lopes por parte de Rui de Pina, ou de um menor talento deste cronista em relação aos

⁵ Charles B. Faulhaber, dir., “PhiloBiblon”, https://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/index_po.html (último acesso a 13 de outubro de 2020).

⁶ Sobre esta crónica, e as suas diferentes redações, já vários autores se debruçaram, mas damos o exemplo clássico de: Luís Lindley Cintra, ed., *Crónica geral de Espanha de 1344*, 4 vols. (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1951-1990).

⁷ Filipe Alves Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013).

⁸ Para Fernão Lopes há vários estudos, desde: Peter Edward Russell, *As Fontes de Fernão Lopes* (Coimbra: Coimbra Editora, 1941). De referência são, claro, os vários trabalhos de Teresa Amado e, de João Gouveia Monteiro, *Fernão Lopes: texto e contexto* (Coimbra: Editorial Minerva, 1988).

⁹ Joaquim de Carvalho, “Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (notas em torno de alguns plágios deste cronista)”, vol. IV da *Obra Completa de Joaquim de Carvalho* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983), 185-340.

¹⁰ Almeida, *Introdução*, XXII.

¹¹ Moreira, *A Tradição manuscrita das ‘Crónicas’...*, 100-101.

anteriores, supostamente visível na menor prolixidade do seu estilo e num pouco escrúpulo em relação aos factos. Foi igualmente acusado de atribuir escassa atenção ao processo de expansão marítima e de receber «anéas de diamães e robijs»¹², «pera screver com melhor vontade hos memoráveis feitos»¹³ de Afonso de Albuquerque na Índia. Por tudo isto mereceu palavras duras. O próprio Magalhães Basto, não obstante ter sido o responsável pela edição moderna da *Crónica de D. Dinis*¹⁴, em 1945, e conhecedor já da *compilatio* enquanto procedimento básico dos cronistas medievais e tardo-medievais, nem por isso foi capaz, segundo Filipe Alves Moreira, de «superar por inteiro o “preconceito do plágio”»¹⁵ em relação a Rui de Pina.

É verdade que outros autores foram mais receptivos e promoveram até uma certa *reabilitação* deste cronista – por exemplo, Pedro de Mariz, no século XVII, mas também José Soares da Silva ou o Abade Correia da Serra, no século XVIII, entre outros¹⁶. Este último foi quem traçou o perfil biográfico de Rui de Pina que biógrafos posteriores viriam a seguir, sem grandes inovações¹⁷. Atualmente, estando a discussão em torno dos supostos *plágios* do cronista ultrapassada, pela alteração de paradigma quanto ao carácter autoral medieval, e tendo surgido importantes estudos sobre crónicas portuguesas nas últimas décadas¹⁸, nem por isso podemos dizer que se multiplicou significativamente o interesse pela obra de Rui de Pina enquanto objeto de investigação.

Após os avanços iniciais, e parciais, de Silva Tarouca¹⁹ e Magalhães Basto²⁰, o mais sistemático levantamento das fontes utilizadas por Rui de Pina, especificamente nas crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV, encontra-se na dissertação de doutoramento de Filipe Alves Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419: Fontes, Estratégias e Posteridade*²¹. Aí, o autor indica praticamente capítulo a capítulo as crónicas não-portuguesas que Rui de Pina refere, ainda que sumariamente e de modo não totalmente completo, uma vez que o seu objeto central de estudo é a *Crónica de 1419*²². Um subcapítulo, porém, trata já da dependência da *Crónica de D. Afonso IV*, de Rui de Pina, face à *Crónica de Alfonso XI*²³, comumente atribuída a Fernán Sánchez de Valladolid, tema que o mesmo autor retoma posteriormente, em *Tradicón y Reescritura: de la Crónica de Alfonso XI a la Crónica de Afonso IV*²⁴. Das proximidades entre estas duas fontes, e também da *Gran Crónica de Alfonso XI* e do *Poema de Alfonso XI*, já se tinha apercebido Diego Catalán, referindo-o em diferentes estudos desde a década de 1950²⁵. Todavia, para este autor, tais proximidades viriam exclusivamente por intermédio da consulta por Rui de Pina da *Crónica de 1419*, ideia que Filipe Alves Moreira refuta, demonstrando que

¹² João de Barros, *Asia de João de Barros: segunda década* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa de Moeda, 1988), 312.

¹³ Damião de Góis, *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955), IV: 99.

¹⁴ Artur de Magalhães Basto, ed., *Crónica de D. Dinis de Rui de Pina* (Porto: Livraria Civilização, 1945).

¹⁵ Moreira, *A Tradicón manuscrita das ‘Crónicas’...*, 99.

¹⁶ Vide Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419*, 65-68.

¹⁷ José Correia da Serra, “Introduccón”, in *Crónicas de Rui de Pina* (Porto: Lello & Irmão, 1977), 481-485.

¹⁸ Para uma síntese desses estudos, já com alguns anos, mas ainda válida, veja-se: Teresa Amado, “The study of literary texts”, in *The historiography of medieval Portugal (c. 1950-2010)* (Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011), 87-109.

¹⁹ Carlos da Silva Tarouca, ed., *Crónica de D. Dinis* (Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1947).

²⁰ Artur de Magalhães Basto, *Estudos: Cronistas e crónicas antigas: Fernão Lopes e a “Crónica de 1419”* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1960).

²¹ Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419*, 413-430.

²² E, por exemplo, na *Crónica de D. Afonso III*, passa à frente todo o texto entre os capítulos XIII e XVI, inclusive, no que parece ter sido um lapso do autor. Cf. Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419*, 424.

²³ *Ibid.*, 442-454.

²⁴ Filipe Alves Moreira, “Tradición y reescritura: de la Crónica de Alfonso XI a la Crónica de Afonso IV”, in *El Texto infinito: tradición y reescritura en la Edad Media y el Renacimiento* (Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2014), 285-297.

²⁵ E pela primeira vez em: Diego Catalán, *Un prosista anónimo del siglo XIV: la Gran Crónica de Alfonso XI. Hallazgo, estilo, reconstrucción* (Canárias: Universidad de La Laguna, 1955).

Pina terá efetivamente manejado um exemplar da *Crónica de Afonso XI*²⁶. Nos mesmos trabalhos, Filipe Alves Moreira fornece ainda outras pistas para as possíveis fontes de Rui de Pina. No entanto, a isto se resumem os estudos no que concerne à utilização de crónicas não-portuguesas, e daí manterem-se válidos os apelos ao aprofundamento desta questão.

Quanto ao uso de fontes narrativas portuguesas, os trabalhos até aqui referidos dão-nos igualmente várias indicações. Refira-se, todavia, a existência de alguns estudos mais específicos, como o de Manuel Francisco Ramos sobre a relação entre a *Crónica de D. Afonso IV* e a memória *In Sancta Admirabilis Victoria*²⁷, ou o de Isabel Dias sobre os episódios relativos aos Mártires de Marrocos, na *Crónica de D. Afonso II*²⁸.

5. FONTES

Conforme anteriormente indicado, o objeto de estudo deste projeto são as seis crónicas de Rui de Pina relativas aos reis D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV. Tomamos como referência a edição destes textos revista por Manuel Lopes de Almeida e publicada em 1977, na coleção *Tesouros da Literatura e da História*, da editora Lello & Irmão. Trata-se, para o nosso estudo, de uma edição problemática, por não corresponder a uma edição crítica, mas antes a reimpressões das transcrições publicadas no século XVII e XVIII, respetivamente por Pedro de Mariz (*Crónica de D. Afonso IV*²⁹) e Miguel Lopes Ferreira (as restantes³⁰), com os critérios da época, não isentas de erros³¹ e havendo dúvidas em relação aos manuscritos que lhes serviram de base. A inexistência de uma edição crítica é o motivo que nos leva a seguir esta versão. Por isso teremos de estar atentos aos vários problemas que esta edição nos traz e proceder a uma análise crítica da mesma³², mantendo-se em aberto a possibilidade de consultas aos manuscritos das crónicas³³. Uma das questões levantadas no âmbito do *Workshop de Estudos Medievais*, por parte da Professora Cristina Sobral, era relativa aos critérios que iremos ter em conta para que essa consulta de manuscritos seja útil. A este propósito, cabe-nos reforçar o facto de tal consulta servir sobretudo para corroborar ou corrigir os textos da edição que utilizamos, e de não prevermos fazer dos manuscritos uma peça central do nosso estudo. Ainda assim, os critérios a adotar não poderão deixar de seguir os resultados já conhecidos da investigação de Filipe Alves Moreira sobre a tradição manuscrita destas crónicas, que identifica um conjunto de sete manuscritos executados no Arquivo Real, pouco depois da morte de Rui de Pina, sendo cronista-mor Fernão de Pina, seu filho, muito provavelmente a partir do «próprio original»³⁴, ou, pelo menos, de um texto possivelmente «avalizado pelo autor»³⁵.

²⁶ Moreira, *A Crónica de Portugal de 1419*, 446-454.

²⁷ Manuel Francisco Ramos, “A Memória ‘In sancta et admirabili Victoria Christianorum’ como fonte da ‘Chronica d’el Rei D. Affonso IV’”, in *O Género do texto medieval* (Lisboa: Edições Cosmos, 1997), 157-172.

²⁸ Isabel Rosa Dias, “La Légende des cinq martyrs franciscains du Maroc (1220) dans son contexte portugais”, vol. XI de *Franciscana: bollettino della Società Internazionale di studi francescani* (Spoleto: Fondazione Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 2009), 1-28.

²⁹ Pedro de Mariz, ed., *Chronica de ElRey Dom Afonso o Quarto* (Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1653).

³⁰ Miguel Lopes Ferreira, ed., *Chronica del Rey D. Sancho I* (Lisboa: Oficina Ferreiriana, 1727a).

----, *Chronica del Rey D. Affonso II* (Lisboa: Oficina Ferreiriana, 1727b).

----, *Coronica del Rey D. Sancho II* (Lisboa: Oficina Ferreiriana, 1728a).

----, *Coronica del Rey D. Affonso III* (Lisboa: Oficina Ferreiriana, 1728b).

----, *Chronica del Rey D. Diniz* (Lisboa: Oficina Ferreiriana, 1729).

³¹ Veja-se logo no primeiro capítulo da *Crónica de D. Sancho I*: «assi que neste Mayo deste anno de Christo de mil e quinhentos e treze, em que esta Coronica se começa...», in Rui de Pina, *Crónicas de Rui de Pina* (Porto: Lello & Irmão, 1977), 17. Nos manuscritos da Torre do Tombo que consultámos está 1514, e não 1513. Mas outros exemplos poderiam ser dados (assunto a tratar na tese).

³² Vide Moreira, *A Tradição manuscrita das ‘Crónicas’...*, 95-101.

³³ O que, aliás, já vimos que nos pode ser útil, conforme o exemplo dado na nota 31.

³⁴ Moreira, *A Tradição manuscrita das ‘Crónicas’...*, 106.

³⁵ *Ibid.*, 106.

Exposto o objeto de estudo, iremos necessariamente tomar como fontes, em primeira estância, os textos já identificados como tendo sido utilizados por Rui de Pina, sobretudo aqueles que assumem um papel estrutural, como a *Crónica de Portugal de 1419*. Veja-se, para esta, a edição crítica de Adelino de Almeida Calado³⁶ – e veja-se igualmente o que sobre esta crónica dizemos no ponto 7. *Problemas e Limitações*. Outra fonte que, neste âmbito, podemos indicar é a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, cujas edições nos colocam também algumas questões, por corresponderem a diferentes redações da crónica³⁷, por não se conhecer o texto original português e por, mesmo para a tradução castelhana da primitiva redação, apenas nos darem versões fragmentadas e incompletas – o manuscrito dessa tradução editado por Diego Catalán e María Soledad Andrès³⁸ não contém a secção final da crónica relativa aos monarcas castelhano-leoneses de Afonso X a Afonso XI, que só se encontra em manuscritos castelhanos de posteriores redações, pelo que por muito tempo essa última parte permaneceu inédita³⁹.

Será legítimo questionar o porquê de, num projeto dedicado às fontes não-portuguesas de Rui de Pina, abordarmos também textos como estes, ainda que não como enfoque principal. No entanto, no atual estado de investigação, estamos convencidos de que, na confrontação que fizemos com as fontes não-portuguesas, importa termos sempre presentes textos como a *Crónica de 1419*, principal fonte de Rui de Pina, ou a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, entre outros, para que se perceba, até onde seja possível, o que é original, ou não, do cronista em estudo.

O seguinte grupo de fontes a referir é o que diz respeito aos textos historiográficos e hagiográficos não-portugueses utilizados por Rui de Pina, e que no fundo representa o cerne do nosso estudo. Não estamos ainda em condições de os identificar na totalidade, tarefa que, no entanto, iremos desenvolver nos próximos tempos. Aqui, porém, estarão incluídas fontes como a já referida *Crónica de Alfonso XI*⁴⁰. Desenvolvemos já um levantamento das referências diretas de Rui de Pina à utilização do tipo de fontes que procuramos, do qual colocamos em anexo duas ilustrações exemplificativas⁴¹.

Finalmente, a um outro nível, recorreremos também a fontes documentais, tanto as que Rui de Pina utilizou nas suas crónicas como as que nos permitem refazer o seu percurso (documentação de chancelaria, cartas régias, testamento, instituição de capela e morgado etc.). Para além disso, estamos já a passar em revisão os textos produzidos por autores coevos ou próximos de Rui de Pina, e que ao seu trabalho façam referência, para melhor entendermos como à época foi avaliado.

6. METODOLOGIAS

«Parti do confronto linha por linha, palavra por palavra...»⁴².

A frase que dá o mote a esta alínea escreveu-a Luís Filipe Lindley Cintra no seu estudo introdutório à edição crítica do texto português da *Crónica Geral de Espanha de 1344* e pode, segundo cremos, servir-nos de inspiração. Importa, todavia, estarmos cientes das limitações no que concerne aos prazos atualmente vigentes para conclusão de um projeto de

³⁶ Adelino de Almeida Calado, ed., *Crónica de Portugal de 1419* (Aveiro: Universidade de Aveiro, 1998).

³⁷ A de Luís Filipe Lindley Cintra, nomeadamente, corresponde já a uma segunda redação em português, de finais do século XIV ou dos primeiros anos do século XV.

³⁸ Diego Catalán e María Soledad Andrès, ed., *Cronica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos Don Pedro Alfonso* (Madrid: Gredos, 1971).

³⁹ Ausência que apenas recentemente veio a ser colmatada: Maria do Rosário Ferreira, dir., *De Afonso X a Afonso XI: edição e estudo do texto castelhano dos reinados finais da 2.ª redacção da Crónica de 1344* (Paris: e-Spania Books, 2015).

⁴⁰ Cayetano Rosel, ed., “Cronicas de los Reyes de Castilla: desde don Alfonso el Sabio, hasta los Católicos don Fernando y doña Isabel”, tomos LXVI-LXX da *Biblioteca de autores españoles* (Madrid: Atlas, 1953).

⁴¹ Ver primeiro anexo.

⁴² Cintra, *Crónica geral de Espanha de 1344*, I: XLVI.

doutoramento e à nossa própria formação, que escapa aos domínios da filologia. O trabalho de compilação e confrontação de fontes não poderá, ainda assim, deixar de ser feito.

Num primeiro momento começaremos por desenvolver um levantamento, nas crónicas que constituem o nosso objeto de estudo, de todas as referências feitas por Rui de Pina ao uso de fontes não-portuguesas, obtendo assim uma sistematização de várias «Carónicas» e «Estórias» de «Castella», «Despanha», «Daraguam», «de França», «Dafriqua», «dos Mouros», entre outras.

O passo seguinte será, com o apoio da bibliografia e do conhecimento da cronística medieval estrangeira, identificar exatamente quais possam ser essas crónicas utilizadas por Rui de Pina e as edições ou manuscritos com que trabalharemos. Recorremos sobretudo aos estudos atualmente disponíveis sobre fontes de outras obras próximas à nossa cronologia de estudo, e que possam atestar a sua presença ou a utilização por parte de outros autores portugueses. Será também relevante nesta fase conhecer o estado da questão quanto aos estudos sobre a livraria régia, de que Rui de Pina foi guarda-mor, e sobre outras livrarias de referência no reino à época. Por estas vias esperamos delimitar um conjunto de algumas das obras mais conhecidas e recorrentes, que podem merecer prioridade. Não deixaremos igualmente de procurar e de consultar edições ou manuscritos relativos a textos potencialmente pertinentes, consoante as temáticas e os episódios que formos lendo em Rui de Pina, e procedendo aí a uma confrontação. Ainda assim, no ponto 7. *Problemas e limitações* expomos algumas das dificuldades previstas para esse processo. A par destas duas etapas iniciais desenvolveremos a revisão bibliográfica sobre Rui de Pina e a sua obra, trabalho que prosseguiremos ao longo de todo o projeto e que servirá para sustentar a primeira parte da dissertação final – ver ponto 8. *Estrutura provisória da tese*. Com a identificação das fontes utilizadas pelo cronista estaremos também em condições de estruturar a segunda parte da dissertação, desdobrando-a em análises individualizadas. Cada obra identificada merecerá necessariamente uma revisão bibliográfica da nossa parte, que nos permita conhecer o estado da questão em relação à mesma e desenvolver a respetiva crítica.

Chegados ao segundo ano do projeto, esperamos iniciar os trabalhos de leitura e confrontação entre as crónicas de Rui de Pina e as fontes identificadas. De modo a garantir a sistematização dos elementos a retirar e permitir posteriores comparações textuais, estas leituras serão acompanhadas pela construção de uma base digital de análise e de tabelas de correspondência, em *FileMaker*⁴³. No nosso atual estado de conhecimentos, a ideia passa em parte por seguir as propostas de Charles Bazerman⁴⁴, autor que apresenta alguns caminhos metodológicos para análise tanto das intertextualidades explícitas como das intertextualidades implícitas – aquelas cujas fontes não são diretamente referidas –, e em função dos nossos objetivos. A questão metodológica e a análise prática das intertextualidades nem sempre foi uma preocupação dos teóricos deste tema. Nesse sentido, as propostas de Bazerman apresentam um carácter pedagógico, voltado para estudantes, para o ensino de metodologias de análise intertextual e para a sua aplicação na escrita de ensaios académicos. Começaremos pela leitura e análise dos textos de língua castelhana e nestes nos deteremos por mais tempo, dada a sua maior presença, a, plausivelmente, mais fácil identificação e a existência de alguns estudos que nos apoiarão. Só depois passaremos para os textos de outras línguas – problemática que abordamos no ponto seguinte. Esta etapa de leitura das fontes deverá ser a mais longa de todo o projeto. Conforme anteriormente apontado, a confrontação que fizermos apenas terá sentido se mantivermos sempre presentes textos como a *Crónica de 1419* e a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, para que se perceba, até onde seja possível, o que é original, ou não, de Rui de Pina. A análise dos mecanismos de construção textual e do modo como Rui de Pina utilizou estas fontes integrará igualmente a segunda parte da dissertação.

⁴³ *Software* que estamos já a utilizar para o desenvolvimento de fichas de leitura – ver segundo anexo.

⁴⁴ Cf. Charles Bazerman, “Intertextuality: how texts rely on other texts”, in *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices*, ed. Charles Bazerman e Paul A. Prior (Londres: Erlbaum, 2003), 83-96; Charles Bazerman, “Recognizing the many voices in a text”, in *The Informed writer: using sources in the disciplines*, 5.^a ed. (Fort Collins: The WAC Clearinghouse, 2010), 88-102.

Finalmente, a terceira e última parte, aquela que está porventura mais distante de nós no tempo e também mais indefinida. O plano, a esta distância, passa por procurarmos noutras crónicas portuguesas, anteriores ou contemporâneas às de Rui de Pina, vestígios da utilização das mesmas fontes não-portuguesas que viermos a identificar. A intenção é perceber se essas fontes foram igualmente conhecidas e utilizadas por outros cronistas coevos ou predecessores. Sabendo nós que os textos em estudo se inserem numa tradição mais antiga, e que homens do século XVI como Damião de Góis e Duarte Nunes de Leão – talvez já de um outro tempo – desenvolveram um intenso trabalho de procura e leitura de fontes estrangeiras, até fora de Portugal, parece-nos que não será proveitoso ir, neste ponto, muito além da cronologia de vida de Rui de Pina. Isto também por se tratar de uma época de profundas transformações, conforme reconhece, por exemplo, o cronista Garcia de Resende, tendo a expansão marítima trazido novas realidades ao nível da circulação e dos contactos interculturais, porventura não comparáveis ao contexto do final da Idade Média. Olharemos, nesse sentido, sobretudo para a cronística próxima dos círculos régios. Percebe-se, por exemplo, que tal comparação pode ser feita com outros cronistas que tiveram acesso privilegiado ao arquivo e à livraria régia, nomeadamente os seus guarda-mores que deixaram obra conhecida, mas também outros, como os autores da *Crónica de 1419*⁴⁵ e de posteriores redações da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ou Duarte Galvão. Isto permitir-nos-ia, quem sabe, identificar um fundo comum de obras que poderiam estar nessa livraria régia e obter até alguma imagem sobre uma eventual evolução da mesma no que à historiografia diz respeito. Outra comparação pertinente poderia ser com autores de posteriores compilações ou reformas de crónicas que abrangem os mesmos reinados. Lembramo-nos aqui, por exemplo, de Cristóvão Rodrigues Acenheiro⁴⁶, Gaspar Correia⁴⁷ e Duarte Nunes de Leão⁴⁸, todos relativamente próximos da cronologia de vida de Rui de Pina. Todavia, talvez esse seja já um outro trabalho, de uma outra complexidade, pelo que não é nossa intenção, atualmente, avançar por este segundo caminho, sob pena de se tornar o projeto inexecutável.

Paralelamente, gostaríamos de procurar as proveniências dos textos e debater as suas possibilidades de circulação, enquanto meio para chegar às redes de inter-relações culturais. Para isso recorreremos, por exemplo, aos registos sobreviventes de livrarias medievais, a partir dos quais tentaremos apontar a eventual existência das obras utilizadas por Rui de Pina⁴⁹. Esta identificação está, porém, demasiado dependente da bibliografia e das fontes documentais que possam ter sobrevivido, e que ainda não conhecemos. Se, por um lado, nos registos relacionados com essas livrarias procuraremos as referências às crónicas e às fontes do nosso estudo, procederemos, por outro, ao levantamento, na cronística coeva, de referências a livrarias e à circulação de livros. Ocupar-nos-emos destas tarefas até ao último ano do projeto, altura em que passaremos à fase de redação da dissertação e de divulgação dos resultados.

⁴⁵ Ainda que, como se sabe, esta “livraria régia” seja por norma atribuída a D. Afonso V, que pela primeira vez terá disposto de um espaço próprio para o efeito. Todavia, a posse e o interesse pelos livros por parte dos príncipes de Avis são um facto por demais atestado para tempos anteriores.

⁴⁶ Cristóvão Rodrigues Acenheiro, “Chronicas dos Senhores Reis de Portugal”, tomo V da *Collecção de ineditos de historia portugueza* (Lisboa: Real Academia das Sciencias de Lisboa, 1824). O texto original é datado de 1535.

⁴⁷ As *Crónicas dos Reis de Portugal e sumários das suas vidas, com a história da Índia e armadas que se mandaram até o ano de 1533*, manuscrito do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Códices e documentos de proveniência desconhecida, n.º 43A). A parte relativa aos sete primeiros reis de Portugal encontra-se ainda inédita.

⁴⁸ Duarte Nunes de Leão, *Crónicas dos Reis de Portugal* (Porto: Lello & Irmão, 1975). A primeira parte destas crónicas foi impressa no ano de 1600.

⁴⁹ E aqui pensamos novamente na utilidade de registos como os da livraria régia, dos príncipes de Avis, das sés de Braga e de Coimbra, de Santa Cruz e Alcobça, de particulares e mesmo de obras como a *Clavis Bibliothecarum* – Luana Giurgevich e Henrique Leitão, *Clavis Bibliothecarum: catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834* (Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016) – entre outras.

7. PROBLEMAS E LIMITAÇÕES

Apesar de estarmos ainda numa fase muito embrionária do nosso projeto, algumas limitações e dificuldades conseguimos já antever. Desde logo, pelo facto de em momento algum Rui de Pina nos indicar concretamente a que crónica de Castela, de França ou dos *Mouros* se está a referir, para além de muitos dos episódios narrados sobre assuntos não-portugueses não terem qualquer indicação da origem da fonte, o que não quer dizer que também não venham de textos estrangeiros – algo que apenas saberemos por comparações textuais. Assim, nunca conseguiremos ter um estudo globalizante e definitivo de todas as crónicas não-portuguesas utilizadas por Rui de Pina, mas apenas daquelas que serão passíveis de ser identificadas.

Outra limitação advém do facto de não existirem ainda edições críticas das crónicas de Rui de Pina, e de as edições existentes trazerem vários problemas, que a seu tempo sistematizaremos. Importa, por isso, manter em aberto a possibilidade de consultas a manuscritos das crónicas, conforme anteriormente apontado. Para além disso, algumas das fontes que viermos a identificar podem igualmente não dispor de edições críticas⁵⁰, e mesmo as que estão publicadas contêm frequentemente trechos em falta, que não permitem o conhecimento do texto na totalidade. Uma situação deste género, e particularmente problemática, sucede com a *Crónica de Portugal de 1419*, pelo facto de os próprios manuscritos serem lacunares. Sendo esta a principal fonte de Rui de Pina, e dado que longos trechos do texto são desconhecidos, dificilmente saberemos, para certos casos, se determinada passagem é original de Rui de Pina ou se estava já na *Crónica de 1419*.

Finalmente, a questão das línguas. Tendo em conta a época e as indicações fornecidas pelo cronista, é possível que nos deparemos com fontes em castelhano, francês, latim e árabe. Se os dois primeiros idiomas não nos oferecem tantos problemas, o mesmo não podemos dizer em relação ao terceiro e, sobretudo, ao quarto, do qual não temos qualquer base de conhecimento.

8. ESTRUTURA PROVISÓRIA DA TESE

Atualmente dispomos já de uma estrutura provisória, que julgamos ser representativa dos principais pontos a abordar na tese. Conseguiremos uma maior definição nas partes II e III quando estivermos em condições de detalhar as várias fontes utilizadas por Rui de Pina, que constituirão as respetivas alíneas de análise. Segue a enumeração dos capítulos com uma breve descrição dos aspetos a abordar em cada um.

1. Introdução;
2. Parte I (dividida em três pontos):
 1. Rui de Pina, o seu percurso e obra (com o respetivo enquadramento familiar, cultural e político);
 2. A discussão em torno da autoria e do valor de Rui de Pina enquanto cronista (o que escreveram sobre Pina os seus contemporâneos e os posteriores críticos da sua obra?);
 3. *Estado da questão*, com os avanços da historiografia mais recente;
3. Parte II – As fontes de Rui de Pina: análise individualizada das fontes e do modo como o cronista as utilizou;
4. Parte III – Rui de Pina, um caso *singular*?: comparação com outras crónicas, anteriores e contemporâneas a estas, e aferição da presença dos textos utilizados em Portugal, a partir desses outros casos e dos registos de livrarias medievais;
5. Conclusão

⁵⁰ Um caso flagrante é o da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, ainda sem um estudo aprofundado da sua tradição manuscrita e com uma edição crítica apenas parcial, e que não tem em conta todos os manuscritos da crónica: A. R. Nykl, ed., *Cronica del Rey Dom Affomssso Hamrriquez por Duarte Galvão: partial critical edition with introduction and notes* (Cambridge: University, 1942).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta expor algumas expectativas quanto aos contributos que gostaríamos de trazer para trabalhos futuros. Para além da possibilidade de os resultados da nossa investigação poderem vir a contribuir para outros projetos em curso (conforme referimos no ponto 3), esperamos, sobretudo, conseguir trazer um contributo para o tanto que ainda falta estudar sobre Rui de Pina e sobre a cronística portuguesa. Gostaríamos, de algum modo, de reunir um conjunto de informações que possam ser úteis a uma futura edição crítica destas crónicas, ao estudo de outros cronistas e suas obras, bem como a estudos sobre a receção de Rui de Pina e a circulação de textos em Portugal na Idade Média. Esperamos que os resultados da investigação a realizar possam ser divulgados em artigos e apresentações, que promovam o debate e a troca de ideias, complementando a tese que deste projeto se espera que nasça.

Nos pontos anteriores expusemos o planeamento do projeto de tese a desenvolver no âmbito do nosso doutoramento em História. Julgamos que estamos já em condições de dar início à sua execução, sendo que alguns dos pontos menos definidos ou ainda incertos virão precisamente desse avançar na investigação. Este primeiro ano permitiu-nos consolidar conceitos e bases teóricas, bem como amadurecer certos aspetos do nosso projeto, fazendo-nos repensar o que antes dávamos como certo ou incluir novos elementos anteriormente ignorados. Para isto considerámos terem sido importantes os comentários que recebemos, tanto da parte dos nossos orientadores como da nossa participação no *XII Workshop de Estudos Medievais*.

Anexos

ANEXO I

Procedemos já ao levantamento das várias referências feitas por Rui de Pina à utilização de fontes não-portuguesas nas crónicas em estudo. Assim, de modo muito resumido, podemos listar alguns exemplos. Este levantamento diz respeito apenas às crónicas dos monarcas da primeira dinastia. Os quadros seguintes são também apenas uma parte, que serve para exemplificar, de todo o levantamento desenvolvido.

Fontes portuguesas:

- Crónica de Portugal de 1419;
- Crónica Geral de Espanha de 1344;
- Livro de Linhagens do Conde D. Pedro;
- Crónica de D. Afonso Henriques, de Duarte Galvão;
- Memoria *In Sancta Admirabiliis Victoria*;
- Crónica da Ordem dos Frades Menores;
- Crónicas de Fernão Lopes: D. Pedro e D. Fernando;
- Documentação diversa da Torre do Tombo (testamentos, forais, bulas, chancelaria...), inquirições do próprio Pina...

Fontes ibéricas: Crónicas «Despanha»⁵¹, de «Castella»⁵², «Daraguam»⁵³, «dos Reys, e Reynos nossos vezinhos»⁵⁴; *Crónica de Alfonso XI*, *Gran Crónica de Alfonso XI*, *Poema de Alfonso XI*; «antigas, e aprovadas lembranças de Espanha»⁵⁵, Testamento de Alfonso X, entre outra documentação e outras crónicas possíveis (como a *Crónica Abreviada* de Diego de Valera);

Outras: «Escritores, assi Latinos, como de outras linguas estranhas»⁵⁶; «vidas, e registos dos Summos Pontífices»⁵⁷; Crónicas das «vidas e feytos»⁵⁸ de «quantos Ifantes, Princepes e Senhores sayraõ desta Real Caza de Portugal»⁵⁹; Crónicas «dos barbaros infieis»⁶⁰, «dos Mouros»⁶¹, «Coronicas de França»⁶², «Estorias antigas Dafriqua, e Despanha»⁶³...

⁵¹ Pina, *Crónicas*, 59.

⁵² *Ibid.*, 25.

⁵³ *Ibid.*, 224.

⁵⁴ *Ibid.*, 12.

⁵⁵ *Ibid.*, 426.

⁵⁶ *Ibid.*, 11.

⁵⁷ *Ibid.*, 12.

⁵⁸ *Ibid.*, 12.

⁵⁹ *Ibid.*, 12.

⁶⁰ *Ibid.*, 12.

⁶¹ *Ibid.*, 25.

⁶² *Ibid.*, 51.

⁶³ *Ibid.*, 193.

Crónica de D. Sancho I

Crónicas castelhanas	“... se chamou, e intitulou Rey de Portugal, por sua sóo vontade, e com acordo dos Grandes, e Povo do seu Reyno, e nom foy por autoridade dos Reys de Castella, nem consentimento como em algumas Coronicas Castelhanas craramente eu ho vi escrito... ”.	PINA (1977), cap. I, p. 17.
Crónicas dos Mouros	“... nas Coronicas dos Mouros se affirma, que hum piam Portuguez ho matou estando sobre Santarem, e por vinguança da morte de Miramolim...”.	PINA (1977), cap. IV, p. 25.
Crónicas de Castela	“... e de huma batalha ha outra ouve despaço dezasete annos como nas Coronicas de Castella esto mais larguo, e mais proprio se declara...”.	PINA (1977), cap. IV, p. 25.
Crónica de 1344 e outras possíveis crónicas castelhanas – conforme apontado por Filipe Alves Moreira ⁵	Informações sobre Afonso VIII de Castela, suas lutas com os mouros e disputas entre Castros e Laras na menoridade do Rei.	PINA (1977), cap. XII-XIII, p. 42-47.

⁵ IDEM, *Ibidem*, p. 415.

Crónica de D. Dinis

Estorias e textos dos “Istoriquos”	“... e muitos proveyτος das Estorias [...] e vejo que hos Istoriquos, que dos Reys, e seus feytos, que eram presentes escreveram elles [...] has calaram, e nom escreveram...”.	PINA (1977), cap. II, p. 224.
Crónicas de Aragão	“... como nas Coronicas Daraguam se affirma...”.	PINA (1977), cap. II, p. 224.
Crónicas de França e de Aragão	Vários episódios relacionados com os reis Jaime I e Pedro III de Aragão. Capitulo dedicado à família e virtudes da rainha D. Isabel. “... ElRey de França por doença, e ElRey D. Pedro por dezemparo, e treyção dos seus, foy morto ha ferro, como nas Coronicas de França, e Daraguam mais larguamente se de克拉”.	PINA (1977), cap. II, p. 228.

Anexo I – Exemplo ilustrativo do levantamento desenvolvido para as fontes de Rui de Pina. Pela primeira imagem é possível ver que não nos limitámos apenas ao registo das referências diretas, mas considerámos já o que nos dizem outros estudos.

ANEXO II

Nr_ficha	2		
Palavras_chave	João de Barros; Décadas da Ásia; Gomes Eanes de Zurara; elogio	Parte da tese	1
Autor	João de Barros (1496-1570)	Resumo da obra	Décadas da Ásia, em que o autor recorre a Rui de Pina e em certas partes o critica. Faz também referência a outros cronistas. Escritas a partir de 1539 e publicadas em 1552.
Citações	«De escrever os quaes feitos teve cuydado Gomezeanes de Zurara chronista destes reynos: homem neste mister da história assaz diligente, e que bem mereceu o nome do officio que teve. Porque se alguma cousa há bem escrita das crônicas deste reyno é da sua mão: assy dos tempos em que elle concorreu como daiguns atrás, de cousas de que nam avia escriptura. E estas que elle escreveo deste descobrimento do tempo do		
Comentários pessoais	Ao contrário do que sucede para Rui de Pina, João de Barros faz os maiores elogios a Gomes Eanes de Zurara e atribui-lhe a crónica de Afonso V. Fala também de um cronista Afonso Cerveira. Barros insiste três vezes nesta ideia (ver citações).		
Indicações bibliográficas e documentais			
Referência bibliográfica	BARROS, João de – Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988-2001. 4 vols.		

Anexo II – Ilustração de uma ficha de leitura em *FileMaker*.

ANEXO III – CALENDARIZAÇÃO

Projeto de Investigação Cronograma													
(4 anos/48 meses)													
Ano		1			2			3			4		
Semestres		set/19	fev/20	jul/20	set/20	fev/21	jul/21	set/21	fev/22	jul/22	set/22	fev/23	jul/23
Revisão Bibliográfica													
Parte I	Levantamento/identificação das fontes de Rui de Pina												
Parte II	Leituras das fontes não-portuguesas e construção de base de dados												
Parte III	Trabalho de sistematização, análise, interpretação e teorização em torno dos dados obtidos												
	Identificação de manuscritos e seus percursos (desenvolvimento dependente de factores externos)												
Parte IV	Produção e divulgação de resultados												
	Redação da dissertação												
Outras Atividades	Unidades curriculares de 1.º ano												

	Atividade Principal
	Atividade em Paralelo

Anexo III - Cronograma do projeto.

As crónicas são fontes extensas e a quantidade de tarefas a que nos propomos requer tempo. Por isso, acautelando as possíveis dificuldades de identificação das fontes crónicas utilizadas por Rui de Pina, desenvolvemos um cronograma a 4 anos/48 meses, conforme previmos no projeto apresentado à FCT.